

OPINIÃO

A Inteligência Artificial vai reduzir nossa capacidade cognitiva ou expandir a mente humana?

Katuscia Teixeira (*)

Ao longo da história, cada avanço tecnológico foi acompanhado de receios sobre o impacto em nós, seres humanos.

Final, temos um instinto natural de preservação da nossa espécie, e tudo o que a coloca em xeque, nos acende um alerta. Quando a escrita surgiu, houve quem temesse a perda da memória oral. A revolução industrial trouxe preocupações sobre a substituição do trabalho manual. A chegada da computação despertou argumentos sobre a dependência das máquinas. Agora, com a ascensão da inteligência artificial, um novo debate se inicia, trazendo à tona a preocupação sobre o impacto da IA nas nossas capacidades cognitivas. Estudos já advertem que o uso de inteligência artificial pode atrofiar nossa mente, em uma equação que leva em conta o aumento da confiança em ferramentas de IA e a redução do pensamento crítico, nos tornando menos preparados para resolver problemas complexos. Mas será mesmo esse o prenúncio do futuro próximo?

Com o conhecimento de quem usa inteligência artificial no dia a dia, além de construir uma IA especializada em “conversas difíceis” e até mesmo liderar um projeto para colocar à disposição dos colaboradores uma “agente” que provê respostas rápidas e no tempo que cada um precisa, posso dizer que a questão central não está na inteligência artificial, mas sim na forma como cada um de nós a utiliza.

Se voltarmos um pouco no tempo, vamos ver com clareza que a tecnologia sempre moldou e remodelou o mercado de trabalho e as competências exigidas dos profissionais. Também por isso, as soft skills (ou habilidades comportamentais e sociais) se tornaram cada vez mais relevantes, uma vez que é preciso resiliência e adaptabilidade para se inserir e permanecer em um mundo em constante movimento, o que impacta também as relações no trabalho.

Por isso, acredito que a inteligência artificial (assim como outras inovações que já surgiram) abre espaço para o desenvolvimento de novas capacidades e para a construção de profissionais cada vez mais completos.

Se usada de forma estratégica, crítica e consciente, a IA pode ser uma grande aliada na ampliação tanto das habilidades técnicas (hard skills) quanto das soft skills. O importante é termos consciência sobre o conjunto de competências que nos será exigido no futuro. Nesse sentido, ao invés de sermos demandados para buscar informações, nosso papel será verificá-las; a capacidade de

resolver problemas estará cada vez mais vinculada à integração de respostas, visão sistêmica e conexão de assuntos diversos. O valor não estará mais na execução da tarefa em si, mas sim no que ela gera, na delegação eficaz e na supervisão da tecnologia.

Porém, para sermos hábeis nesse novo papel, é fundamental que tenhamos conhecimento, confiança e que sejamos capazes de criticar o trabalho desempenhado pela tecnologia. Um estudo recente conduzido neste sentido demonstrou que quanto menor era a autoconfiança e conhecimento do profissional que interagiu com a IA, maior seria a sua dependência e menor seria seu envolvimento crítico e a capacidade de resolução de problemas. Portanto, esse é o ponto a que precisamos estar atentos, além de desenvolvê-lo na força de trabalho e nas gerações futuras.

Precisamos evoluir a nossa capacidade de colaboração humano-IA. Dessa maneira, ela pode potencializar nossas fortalezas e habilidades, nos guiando no caminho que estamos construindo (ele não vem pronto por IA). O pensamento crítico precisa estar ativo desde o primeiro contato até o produto final, para que as nossas capacidades cognitivas sejam melhoradas e não corram o risco de serem “atrofiadas”.

Por isso, defendo que essa educação deve começar desde cedo. É preciso ensinar crianças e adolescentes a usar a inteligência artificial de forma crítica e ética para evitar que se tornem apenas consumidores passivos. Da mesma forma, no ambiente corporativo, líderes e liderados precisam ser capacitados a enxergar a IA como um recurso para expandir suas capacidades, e não como uma ferramenta que faz o trabalho por eles. Nesse sentido, concursos, hackathons, mentorias, cursos são ótimos recursos, desde que alinhados ao público que irá consumi-los. Quanto mais personalizado, maiores são as chances de assimilação.

A IA, assim como qualquer avanço tecnológico, não é um destino final, mas um meio para chegarmos mais longe. Cabe a nós decidirmos se a usaremos como um escudo ou como um trampolim. A questão é saber fazer as perguntas certas, questionar o produto e assumir o protagonismo, pois o futuro não será sobre humanos ou máquinas, mas sobre humanos que sabem como potencializar suas habilidades com o apoio da tecnologia.

(*) Diretora de pessoas (CHRO) na Zenvia, com mais de 18 anos de experiência em recursos humanos em diversos setores, incluindo tecnologia, indústria e serviços.

ChatGPT tem “modo estudo” para combater uso indevido por estudantes

A OpenAI, desenvolvedora do ChatGPT, anunciou o lançamento do “modo estudo”, numa tentativa de reduzir o uso do chatbot por estudantes como ferramenta para se eximirem dos processos essenciais da aprendizagem.

Vivaldo José Breternitz (*)

Segundo a empresa, o novo recurso “ajuda o aluno a resolver problemas passo a passo, em vez de apenas fornecer uma resposta”. Disponível em quase todas as versões do ChatGPT, o modo transforma o chatbot em um parceiro interativo, e não em um cúmplice de trapaçes.

O uso de inteligência artificial generativa para fazer tarefas escolares ou redigir textos tem gerado grande preocupação no meio educacional - não apenas por questões éticas, mas porque o aprendizado é o principal caminho para o desenvolvimento cognitivo de crianças e jovens, o que não acontece quando tarefas são simplesmente delegadas ao software.

Um estudo recente conduzido por pesquisadores do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) apontou que estudantes que usaram o ChatGPT para escrever textos demonstraram menor engajamento cognitivo. Exames do cérebro mostraram queda na atividade de áreas ligadas à atenção, memória e raciocínio. Os textos entregues pelos participantes foram descritos pelos cientistas como “sem alma”.

“Do mesmo modo como o GPS enfraquece nosso senso de direção, depender da IA para escrever e raciocinar pode atrofiar nossa capacidade de realizar essas tarefas”, ob-



Elnur_CANVA

servou o relatório. “É um déficit cognitivo que aumenta com o tempo.”

Caso os estudantes optem por abdicar quase que totalmente do processo de aprendizado - deixando a IA fazer todo o esforço necessário - há comprometimento de seu desenvolvimento futuro. O novo “modo estudo” busca diminuir esse problema por meio de questionamentos e estímulos à reflexão.

A OpenAI afirma ter desenvolvido a funcionalidade com apoio de professores, cientistas e especialistas em pedagogia, com o objetivo de “ajudar os alunos a

realmente aprenderem, e não apenas a concluir tarefas”.

É claro que nada impede que um aluno em busca de boas notas com o menor esforço possível simplesmente ignore a nova ferramenta - o que não é incomum na adolescência.

Ainda assim, a iniciativa é um passo importante para evitar que a próxima geração passe os anos formativos entorpecendo, ao invés de exercitar sua capacidade de pensar.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor e consultor - vjntz@gmail.com.

Biometria facial é segura contra deep fakes e ataques de vídeo?



Just_Super_CANVA

Especialista da Certisign explica o que torna essa tecnologia segura contra todos os tipos de tentativas de fraudes.

Nos últimos anos, as tentativas de fraude digital se tornaram cada vez mais sofisticadas, com criminosos utilizando tecnologias avançadas como deep fakes, inteligência artificial e até técnicas de vídeo injection para tentar burlar sistemas de reconhecimento facial. Fotos, vídeos, áudios e até animações ultra realistas podem ser criados em questão de minutos, aumentando o desafio para empresas que precisam garantir a segurança e a autenticidade da identidade dos seus clientes.

Para garantir que a tecnologia da biometria facial seja segura, é que a Certisign

oferece soluções equipadas com tecnologia avançada de detecção de vivacidade, a liveness. Essa tecnologia foi projetada justamente para prevenir esse tipo de ataque, indo muito além da simples comparação de imagens.

“Ela identifica, de forma inteligente, se há uma pessoa real e viva do outro lado da câmera, mesmo diante das tentativas mais modernas de fraude, como deep fakes, vídeos sintéticos ou qualquer conteúdo forjado digitalmente”, revela Julio Duram, Chief Technology Officer (CTO), da Certisign

Diferentemente dos métodos tradicionais, a biometria de liveness da Certisign detecta sinais sutis que não podem ser

replicados por IA, vídeos gravados ou máscaras. Isso inclui microexpressões, reflexos naturais e outros indicadores que garantem que o usuário é realmente quem diz ser e está presente naquele momento. Assim, tentativas de fraude são imediatamente bloqueadas, oferecendo máxima segurança para empresas e usuários.

De acordo com Duram, essa abordagem inovadora garante uma camada extra de proteção em processos críticos de identificação: “Conseguimos reduzir drasticamente o risco de fraudes digitais, mesmo diante das ameaças mais tecnológicas e modernas. Para as empresas, isso significa mais tranquilidade e confiança na jornada digital dos seus clientes”.



News @TI

ricardosouza@netjen.com.br

Videocast “Engenharia que Transforma” para debater tendências e desafios do setor industrial

A Timenow, referência nacional em gestão de projetos industriais, acaba de lançar o videocast “Engenharia que Transforma”, uma série mensal focada no debate e aprofundamento de temas centrais e relevantes para a indústria nacional e a engenharia consultiva, com a participação de especialistas dos mais diversos setores industriais. “O objetivo é promover um espaço aberto para análises e troca de expe-

riências sobre os movimentos, oportunidades e desafios do mercado, bem como as tendências da indústria em geral, do setor de engenharia e cases de sucesso”, explica Sander Rodrigues, Diretor Comercial e de Marketing da Timenow. “Engenharia que Transforma” pretende construir pontes entre profissionais, empresas e toda a comunidade interessada no desenvolvimento da indústria brasileira, ressalta Carine Cardoso, Coordenadora de Marketing da Timenow e apresentadora do videocast (https://www.youtube.com/watch?v=nElpUmMASc8&list=PLRtuEMGKTOKYDxI_HdnHD4vbPAdDCfwnL).

Editorias

Economia/Política: J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); Ciência/Tecnologia: Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); Livros: Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterariaralph.com.br);

Comercial: comercial@netjen.com.br

Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Webmaster/TI: Fabio Nader; Edição Eletrônica: Ricardo Souza.

Revisão: Maria Cecília Camargo; Serviço Informativo: Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

Jornal Empresas & Negócios Ltda

Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 - Vila Mariana - São Paulo - SP - CEP: 04128-080

Telefone: (11) 3106-4171 - E-mail: (netjen@netjen.com.br)

Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90

JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003)

Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.